Roseirais

“Bum...zum, zum... barulhos ensurdecedores de bombas e saraivadas de tiros ouviam-se ao longe na noite gélida e pacata do pequeno vilarejo ao norte da Rússia; de repente um silêncio tétrico seguido de mais uma explosão, um vulto esguio desaparece em meio a fumaça e entulhos.

Isomena ainda atordoada pelo impacto da explosão, olhava tudo ao redor como que buscando algo, parou por um minuto e respirou fundo, o sangue descia-lhe pela face; a dor cruciante que sentia na perna a fazia agonizar; em meio a tudo ainda meio atordoada começou vagar por suas lembranças e como chegara até ali.

Uma tarde típica de verão, chovia pouco, pela janela a franzina moça de pele alva, cabelos como fogo e com um belo sorriso meigo jaziam de seus lábios finos e marcantes, como a divertir-se com os gritos alegres das crianças que brincavam na chuva. Parecia uma pequena boneca de porcelana, usava uma saia xadrez com pregas e uma blusa de cetim dando-lhe o toque final, como que esculpida a mão pela artesã mais hábil da região onde vive, uma pequena cidade do interior se são Paulo.

Divagava perante a cena que via pela janela quando de salto foi tomada por uma voz tenra e macia que a chamava; era sua avó, uma senhora já de idade avançada com semblante alegre e suave, as linhas de expressão diziam que já havia vivido muito e adquirido experiência que lhe marcava a face, dona Isolina ainda com muita disposição chamara a neta até a cozinha onde deu-lhe uma lista com alguns itens e pediu que fosse a venda e trouxesse-lhe o que ali estava marcado.

A jovem moça saiu cantarolando enquanto passava pelo jardim com lindas roseiras de várias cores e tamanhos até chegar ao portão e passa-lo, dona Isolina via e admirava-se com a ingenuidade de sua neta tão pura e sem maldade no coração. Isomena era muito agradecida por tudo que a avó fizera e de todos os sacrifícios feitos para que pudesse estudar noites adentro costurando para fora para que pudesse pagar os melhores colégios para sua neta. Porém, uma enorme tristeza lhe tomava conta de seu ser pois ela sentia aquele não era seu lugar e que por mais que amasse sua avó não sentia parte da família, e por que tantos mistérios, por qual motivo sua avó mentia dizendo que não haviam parentes vivos, e por que sempre inventara mortes diferentes para seus pais, a idade pregava-lhe peças e não lembrará que havia contato sempre que a neta perguntava.

Dona Isolina estava a preparar um bolo quando um vento gelou-lhe toda espinha fazendo até a alma congelar, suas mãos ficaram tremulas e a tigela que segurava caiu de suas mãos espatifando-se no chão, uma sensação de fim se apossou de seu fraco coração, lentamente virou-se até a porta e emitiu um grito de pesar suas vistas se escurecerão e desmaiou. Um homem alto, magro e muito bem trajado com seu terno foi o motivo de tanta dor.

Depois de alguns minutos começou a recobrar os sentidos e lembrar do acontecido, lentamente sentou-se com um leve sorriso achando que tudo não passara de um sonho ou uma brincadeira que sua mente lhe pregara; porém, descobriu que era verdade, pois tal homem estava sentado em sua frente tomando uma xícara de chá. Franz von zuntirz era um senhor de seus bem vividos 60 anos, simpático e com um certo mistério nos olhos, sorriu melancolicamente e desculpou-se com dona Isolina pelo susto que causará.

Depois de alguns minutos de um constrangedor silêncio entre ambos Franz tomou a iniciativa meio sem jeito; -- Como vai você Isolina, a quanto tempo – disse com seu sotaque eminente – como vai a ...

– Cale-se, não admito que mencione o nome dela; o semblante meigo e pacato da doce Isolina deu lugar a uma face diabólica indescritível e terrível com ódio no olhar – E suma daqui imediatamente antes que ela volte da venda e o veja aqui, suma imediatamente daqui seu monstro assassino – o choro embargou sua voz por alguns segundos e continuou – não quero que ela tenha o mesmo destino que ... Adélia.

– Sinto muito minha cara, mas não é possível esconder a verdade por mais tempo; ela irá completar 20 anos...– mais um silêncio constrangedor tomou conta de ambos – a idade que Adélia e Richard estabeleceram, eu irei para não lhe causar problemas com ela; mas mandarei em breve um mensageiro de confiança para avisa-la onde nos encontraremos, até breve – levantou-se e saiu da mesma forma que chegou tal qual mágica.

Após a saída de Franz ela desmoronou e a carapaça que do nada apareceu caiu por terra e o semblante da meiga e doce senhora retornou, chorou copiosamente por alguns segundos tomada por lembranças do passado, ao ouvir o barulho do portão batendo levantou-se de sobressalto lavou o rosto e quando a porta abriu estava com um doce sorriso no rosto para receber Isomena.

Os dias passavam lentamente para o suplício de Isolina, dia e noite confundiam-se no desespero da dor e pelo silêncio proporcionado pela falta de notícias de Franz, em uma tarde onde o sol fazia-se alto e forte e os pássaros procuravam as copas das arvores para procurar abrigo e refúgio para suas asas; quando de repente Isolina olha pela fresta da janela e vê um carro parando em sua porta e um senhor de meia idade desce e encaminha-se para o portão; ela salta de sua cadeira onde estava a confeccionar algumas bonecas e antecipa-se indo rapidamente ao portão, o homem lhe entrega um envelope acena a cabeça e volta para o carro e desaparece no horizonte.

Ela enfia o envelope dentro do vestido entra em casa meio cambaleante e tranca-se no quarto, abre o envelope e lê seu conteúdo duas ou três vezes seguidas, aperta-o contra o peito e chora muito por algum tempo em seguida sussurra com a voz embargada – infelizmente chegou a hora dela descobrir toda a verdade.

Chegara enfim o dia da tão afamada viagem, que sua avó programara com tanto esmero e preocupação, Isomena ainda não entendia o motivo de tanto desespero e preocupação com os preparativos, afinal era apenas um passeio ao Rio de Janeiro; um sonho para Isomena, ela pegava-se em devaneios imaginando como seria na cidade maravilhosa, o que faria, as pessoas que conheceria, de repente seu semblante mudou e foi pega mais uma vez com pensamentos de dor, raiva, fúria e constrangimento. Não entendia e frustrava-se por não entender tais sentimentos afinal sua avó a criou om todo amor e carinho possíveis, sempre longe da dor e outras coisas ruins que o mundo pudesse oferecer.

Foi interrompida com o som da buzina de um taxi, rapidamente apressou-se e pegou duas pequenas malas que já se encontravam-se na porta da sala, chamou sua avó que vinha vagarosamente, tomou-lhe a mão e desapercebidamente puxava-lhe; – calma menina, não seja tão afobada – disse dona Isolina sorrindo para a neta eufórica.

Notava-se apesar da aparente alegria, um ar de desapontamento e preocupação em dona Isolina; tinha medo da reação da neta quando soubesse de toda a verdade sobre sua vida, sobre seus pais e quem eram na verdade; viajava em seus pensamentos quando foi tomada de sobressalto pela neta ainda muito eufórica ao chegarem na estação ferroviária, Isomena olhava maravilhada toda aquela agitação, o cheiro da fumaça do trem lhe impregnava-lhe o nariz porém não a incomodava, estava feliz afinal era a primeira vez que viajava.

Isomena não desgrudara os olhos nem por um segundo da janela, a viagem inteira sorria tal qual uma criança, dona Isolina apesar da aparente preocupação ria satisfeita ao ver a felicidade estampada em sua neta e mais uma vez foi tomada pela preocupação em saber como reagiria Isomena com tudo que descobriria em poucos dias. Depois de horas de trem e algumas baldeações finalmente chegaram ao Rio de Janeiro, já era tarde da noite quando desceram do trem e foram a procura de um táxi para leva-las até o hotel; a jovem estava temerosa com a cidade e com todo aquele movimento já tão tarde da noite, mas parece um formigueiro, com pessoas andando freneticamente, bebendo e dançando em barzinhos, homens e mulheres sorrindo o tempo todo.

Foi quando sentiu um aperto forte na mão e este era bem conhecido e querido, era sua avó que notara atentamente os minutos que antecederam tal aperto, sempre com meigo sorriso nos lábios, a conduzi-o por mais uns metros, foi quando avistou um homem familiar a seus olhos, era o mensageiro enviado a sua casa dias antes; ele apressou-se em pegar as duas pequenas malas e a

cumprimentou com um pequeno aceno; Isomena assustada sussurrou meio tímida para sua vó – você o conhece vovó, quem é ele – perguntou a jovem com ar de admiração. Sua avó apenas fez menção com a cabeça para que ficasse quieta. Entraram na limusine e partiram em poucos minutos viram-se em frente a um enorme e luxuoso hotel a beira mar. Ao descer da limusine foi entregue discretamente a dona Isolina um pequeno pedaço de papel e que não passou desapercebido aos olhos atentos de Isomena.

Depois de registrarem-se no hotel foram conduzidas pelo funcionário até o quarto, ao entrarem Isomena ficou maravilhada com tudo que estava vendo, correu e começou a pular na cama, em seguida foi a sacada do apartamento e apreciou atentamente todo o movimento que via da cobertura; que lindo pensou maravilhada; não parou um só segundo tudo lhe era novo e motivo para indagações, foi quando sentiu a avó lhe tomar pelos braços e dizer com um grande sorriso: – Calma menina você está me deixando tonta com tanta euforia – riu novamente.

A neta acalmou-se e de repente sua fisionomia mudou: – Vovó quem era aquele homem e que papel foi aquele que ele lhe entregou – perguntou seriamente. Com seriedade e calma dona Isolina pediu calma que tudo seria explicado no momento certo. – Apenas aproveite o momento, e, vá dormir pois temos um dia cheio amanhã e muitos lugares para visitar – disse dona Isolina. Após a neta adormecer, puxou do bolso e o leu, em seguida com olhar de preocupação chorou.

Mal havia amanhecido e Isomena já tinha pulado da cama e estava pronta para sair e apressava em acordar a avó para que fizesse o mesmo, estava eufórica, mais parecia uma criança ao ganhar o presente tão esperado, dona Isolina ria de tudo que a neta fazia com satisfação e felicidade até esqueceu por um tempo o real motivo que as trouxeram até o rio. O sol ainda se fazia forte quando passaram pela enorme porta giratória que dava acesso à rua, andaram por todos os cartões postais que a cidade oferecia de mais belo e marcante.

Ao findar do dia estavam as duas de volta ao quarto do hotel exaustas e fadigadas, loucas por um bom banho e cama, foi quando com um semblante sério e cheio de preocupações dona Isolina chamou sua neta: – Isomena tome seu banho e ante de dormir arrume suas coisas partiremos amanhã logo cedo – disse meio tristonha.

– Como assim vovó, pensei que ficaríamos aqui mais uns dias; de repente um pensamento lhe tomou conta do amago e tornou a falar – isso não tem a ver com aquele papel que a senhora recebeu no dia que chegamos, tem?

– Sim, tem, mas acalme-se pois tudo lhe será explicado em seu devido tempo, por enquanto faça o que mandei e sem demora.

Sem questiona-la a jovem fez o que a avó lhe determinara de prontidão, em pouco tempo já estava deitada e pronta para dormir, olhou atentamente

para a avó enquanto ela dormia e pensamento tomaram conta de seu ser, que mistério é esse, por tanto segredo, porque sua avó não lhe falava tudo o que estava acontecendo. – Bom, deixe para lá, se minha avó disse para não se preocupar que seja – e logo pegou no sono despreocupadamente.

Amanheceu e as duas já estavam na rua à espera da mesma limusine que as trouxeram para o hotel; porém, o homem que as trouxeram não estava presente, depois de um tempo rodando pela cidade chegaram ao aeroporto internacional.

Já fazia algum tempo que o avião decolara, os olhos de Isomena estavam fixos olhando o horizonte; porém, desta vez não era de alegria e contentamento, mas de profunda tristeza e angustia. Ela não estava entendendo nada daquilo que estava acontecendo, tentara por muitas vezes achar alguma espécie de “desculpas” para a atitude da sua avó mas em vão...não conseguia pensar em nada lógico que pudesse leva-la a uma resposta satisfatória, justo sua avó que nunca lhe escondeu nada, sempre foi muito amiga.

Voltou a atenção para o interior do avião como que se houvesse achado uma resposta, mas suspirou fundo e nada, fitou a doce avó que dormia tranquilamente na poltrona ao lado deu um leve sorriso de descontentamento e caiu novamente em seus tristes pensamentos fitando pela janela as nuvens que por ela passavam. Dona Isolina levantou levemente uma das pálpebras e fitou Isomena por alguns segundos e observando a profunda tristeza que tomava conta de sua amada neta pensou: – isto está perto do fim –e voltou ao aconchego da poltrona

Finalmente depois de horas de viagem chegaram ao destino, Kolsko, na Rússia, Isomena já conformada voltara a ser menina de sempre, ficou maravilhada, pois quando descia as escadas do avião notou que havia muita neve, bem branquinha e muito fria. Já do lado de fora do aeroporto olhava atentamente os flocos caírem-lhe nas roupas, que nem notou que o chão estava congelado e liso, ouviu-se apenas um pequeno barulho, caíra sentada depois de escorregar no gelo, dona Isolina começou a sorrir junto com sua neta.

Um motorista particular as aguardava, entraram no carro e sumiram pelas ruas movimentadas e geladas da Rússia, já haviam andado por um longo tempo quando avistaram ao longe um castelo imponente a esquerda do veículo, ambas admiravam a imponência e beleza do castelo que ficava cada vez mais próximo. O veículo contornou um enorme jardim magnifico e parou em frente a uma escadaria que dava acesso as portas do castelo. Uma mulher de baixa estatura e corpo avantajado lhes aguardava.

– O mestre lhes aguarda na biblioteca, acompanhe-me por favor– disse a senhora. A pequena mulher por ter um corpo avantajado andava de forma diferente e engraçada por fim chegaram a uma porta de madeira toda imponente, bateu e prontamente foi ouvida, do outro lado ouvia-se uma voz

masculina mandando entrarem, quando a porta foi aberta estava prostrado ao lado de uma mesa de madeira enorme e muito majestosa, era Franz com um ar de serenidade cumprimentou ambas individualmente, Isolina a quanto tempo passou-se bom tempo desde nosso último encontro caríssima, Isomena olhava atentamente a tudo que via mesmo não entendendo nada manteve-se em silêncio; após breve conversa quase que murmurando ele a fitou, calmamente aproximou-se dela e com os olhos cheios de agua e a voz embargada balbuciou calmamente.

–Como vai Kathrina a quanto tempo, você continua linda minha menina, não mudou em nada sempre meiga como senti sua falta.

– Sinto muito senhor acho que o senhor deve estar me confundindo com alguém – disse Isomena assustada perante tudo que estava presenciando.

– Não minha cara, não errei seu verdadeiro nome é KATHRINA... – disse Franz com firmeza nas palavras.

Um silêncio assustador tomou conta da enorme biblioteca, Kathrina ainda atordoada e sem entender absolutamente nada continuava imóvel, aterrorizada balbuciou: – Como assim, por favor explique-se– disse a moça quase que imperceptível – Quero respostas imediatamente, quem é o senhor pra começar, que lugar é este, por estamos aqui, vovó diga alguma coisa – falou Kathrina com firmeza.

A jovem havia mudado, passou de uma meiguice contagiante para um total semblante raivoso; suas fisionomias estavam aparentemente mudadas, ela havia percebido no olhar de sua avó que as palavras daquele senhor eram verdadeiras, chorava muito mas não por medo e sim raiva, encheu os pulmões de ar e gritou:

– Vamos alguém diga algo.

– Calma minha jovem – disse Franz numa calma assustadora – Começarei pelo princípio, seu verdadeiro nome é Kathrina e você é minha neta – começou Franz a falar ao sentar-se numa cadeira que havia em dos cantos da biblioteca – quando pequena você precisou ir morar com sua avó para sua própria segurança, não tinha mais que alguns dias de nascida quando seus pais morreram de uma forma misteriosa então suspeitando...

– qual eram os nomes de meus pais – interrompeu bruscamente a moça – como eles eram.

– Tudo ao seu tempo, você saberá de tudo caso deixe-me continuar – disse Franz sorrindo – você me lembra sua mãe, tempestuosa, curiosa, com brilho de curiosidade nos olhos e firmeza nas palavras – deu uma pausa, suspirou fundo e continuou – O nome de sua mãe era Adélia e o de seu pai era Richard foram casados por muito tempo e amavam-se muito e o fruto deste amor foi você querida.

– Sua mãe a duras custas veio fazer um intercâmbio na Rússia e acabou conhecendo seu pai meio que acidentalmente – disse dona Isolina nostálgica e continuou – ela estava saindo de uma pequena venda onde havia comprado algumas frutas e seu pai estava vindo pela rua com alguns amigos brincando e conversando quando trombou em Adélia e fez com caísse o saco de papel que ela carregava, sem prestar atenção na moça ele agachou-se no intuito de ajuda-la pois sentia-se culpado, ao pegar uma fruta caída sua mão foi de encontro com a dela... e pronto os olhares se interligaram e amor à primeira vista – dona Isolina deu uma pausa para enxugar as lagrimas que lhe caiam e depois de breve intervalo continuou – querida seus pais amavam-se muito e em pouquíssimo tempo estavam casados.

– O que eles não haviam notado é que esse amor começou incomodar algumas pessoas muito perversas – mais uma pausa para secar as lagrimas e continuou – com o passar do tempo a paixão aumentou ainda mais, viviam sempre viajando por causa do serviço de seu pai, ele é quem administra as empresas da família.

– Como ele era – interrompeu euforicamente Kathrina – por favor fale-me.

– Ele era um homem muito elegante – disse Franz – Honesto, responsável, centrado e cheio de amor pela vida, não somente pela sua, mas a de todos, sempre preocupou-se com todos a sua volta, era amigo e companheiro – Franz deu uma pausa para ascender um belo cachimbo que encontrava-se em cima da mesa enorme da biblioteca, após ascende-lo continuou – e sua mãe, nunca conheci moça mais formosa e espirituosa como ela, trazia nos olhos a alegria e a doçura; o que mais chamava a atenção era sua firmeza nas ações e palavras, não levava desaforos de ninguém, era muito justa e honesta e com um senso crítico e de justiça invejáveis. Ela era de estatura mediana, cabelos vermelhos como fogo e os olhos... vejo ela em seus olhos querida Kathrina – parou Franz para enxugar as lágrimas que começavam a cair.

– Nossa que história linda – disse Kathrina comovida – meus pais realmente amavam-se muito; mas, não entendi algumas coisas, o que vocês quiseram dizer com “incomodar algumas pessoas muito perversas”.

Franz e Isolina entreolharam-se por um tempo, com melancolia e medo nos olhos abaixaram as cabeças por um tempo, sem saber o que dizer ou melhor por onde começar a narrar os fatos que mudariam em definitivo a vida da moça e seu jeito de ser e pensar. Apenas sabiam que precisavam lhe contar a verdade e prepara-la para os acontecimentos futuros, o silêncio que antecedeu tudo era assustador.

– por favor falem alguma coisa, o que vocês estão escondendo – disse a jovem – o que pode ser tão ruim assim para deixá-los tão assustados.

– Seu nome é Igor – começou Franz a falar enquanto sentava—se novamente depois de umas baforadas em seu cachimbo – Um homem

ganancioso e que não mede esforços quando deseja algo, capaz das piores atrocidades, sem se importar quem seja seu alvo – respirou fundo e continuou – ele já tinha inveja de seu pai por ser um homem integro e rodeado por pessoas que o amavam; Igor não achava justo e que Richard não merecia o posto que possuía, e sim ele.

– A situação começou a piorar quando Richard apresentou Adélia a Igor, ele foi tomado por uma raiva desmedida e sem explicações, conforme passavam-se os dias ficava aparente seu ódio por Richard. Em uma tarde, numa reunião no escritório de Richard, durante uma discussão de negócios ouve-se uma leve batida na porta – disse Franz cabisbaixo – Estavam na sala Richard, Igor e eu minha cara, seu pai pediu que entrasse, era sua mãe, estava particularmente linda naquele dia, usava um vestido florido de alça com comprimento até pouco abaixo os joelhos; usava um laço com uma rosa nos cabelos e em uma das mãos vestidas por luvas brancas segurava um belo chapéu.

– Seu pai a cumprimentou com um beijo carinhoso e pediu que a sentasse um pouco que já sairiam para almoçar ela sorriu e nos cumprimentou educadamente sempre com um sorriso nos lábios e antes que Richard continuasse ela perguntou a seu pai se Igor havia aceitado a proposta, seu pai disse que ainda não havia feito o pedido e sorriram – Franz fez uma pausa e continuou – Igor surpreso e com um sorriso de aparente raiva indagou sobre tal pedido e depois de alguns minutos de conversa seu pai convidou Igor para ser o padrinho de casamento e para nossa surpresa a resposta foi acompanhada de acontecimentos tristes, Igor ensandecido gritou:

– Idiotas vocês estão loucos, pensam que sou quem para tal atrevimento, imbecil você não a merece, ela precisa de alguém melhor que você, um homem de verdade que a faça feliz – fez um silêncio, e com os punhos cerrados num rompante de raiva começou a quebrar tudo que havia no escritório, quando acalmara-se um pouco gritou: – Isso não vai ficar assim eu vou me vingar de você Richard, guarde bem minhas palavras. – parou frente a Adélia e disse:– Isso não é justo, eu a amo e você será minha espere e verá – ele saiu e bateu fortemente a porta.

Mais uma pausa foi feita, pois bateram à porta da biblioteca, era a estranha mulher atarracada que trazia uma bandeja de prata com chá e guloseimas, pediu licença e a colocou numa mesinha redonda que havia num dos cantos da biblioteca, perguntou se Franz queria mais alguma coisa e ele apenas fez menção com a cabeça negativamente ela sorriu e saiu em seguida, depois de servirem-se Franz continuou:

– Poucos dias após o casamento dos seus pais, acontecimentos estranhos começaram a acontecer; carros apareciam sem freios, vasos que caiam do nada, tentativas de atropelamento; seu pai sempre escapava por pouco e algumas escoriações. Até que um dia foram fazer uma viagem, um passeio já programado por ambos á algum tempo – falou Franz com tristeza –

indo pela estrada da colina o carro em que estavam se desgovernou e caiu na ribanceira.

– A polícia foi chamada e segundo a perícia, encontraram garrafas de bebida dentro do carro e culparam seu pai pela morte de ambos. Mas eu sei que seu pai era muito responsável e que nunca faria isso e principalmente amava muito sua mãe para colocar sua vida em risco – Franz fez uma pausa para terminar de tomar seu chá e em seguida continuou – Por isso minha jovem, quando esses acontecimentos começaram seus pais com medo do pior, redigiram um testamento onde todos os imóveis e bens da família ficassem somente para você; mas, com duas condições impostas a mim e sua avó – disse Franz ascendendo novamente o cachimbo e dando uma longa baforada – sua avó caso acontecesse algo com os dois imediatamente teria que sumir do mapa e esconder-se e eu nunca poderia ir atrás de vocês e por fim quando você completasse a idade de vintes anos teria que voltar e assumir seu lugar de direito.

Kathrina ouvia à tudo em silêncio sem sequer esboçar uma única reação, analisava, ponderava, pensava até que por fim pronunciou-se: – Mas se o senhor não acredita na versão da polícia é por que já tem algo em mente, não?

– Melhor que isso após o “acidente”, mandei investigar por conta própria e descobri que não foi acidental e sim criminoso, apenas não posso ligar o acidente com o nome do verdadeiro criminoso – Franz foi interrompido por Kathrina.

– Já sei foi o tal Igor não foi senhor – indagou ela perplexa.

– Sim foi ele minha querida.

– Então vamos a polícia denuncia-lo acabar com a liberdade do assassino de meus pais, afinal quem é esse assassino cruel, me diga.

– Não posso fazer isso, pois é mais complicado que imagina querida, a verdade mais terrível e que me é muito difícil dizer; o nome do assassino dos seus pais é Igor Von Zurtiz, e ele é seu TIO – silenciou-se Franz já com a voz embargada e chorando copiosamente.

– Calma Franz – disse Isolina consolando-o – É essa, parte de sua história minha querida Kathrina – sorriu – como é difícil para mim chama-la por este nome querida você sabe que ... – Isolina foi interrompida bruscamente.

– Não me interessa mais nada, apenas quero ver o culpado pagar por tudo; exijo justiça... e onde a justiça falhar eu quero VINGANÇA... nem que para isso ele pague com a sua própria VIDA. – disse Kathrina com sangue nos olhos.

Capitulo II

Kathrina encontrava-se entre uma pilha de livros e documentos na biblioteca, já haviam passado alguns dias desde que descobrira a história de sua vida e ainda não descobrira nada que pudesse lhe dar uma pista de onde começar suas buscas, ela decidira fazer por conta sua própria investigação. Sentia que seus avós ainda lhe escondiam algo, e precisava descobrir o que era, pois sabia que não descobriria através deles.

Enquanto procurava alguns documentos em uma das enormes prateleiras assustou com o telefone que tocava freneticamente, esperou por alguns segundos para ver se alguém atenderia; porém, sem resposta, pegou o fone do gancho e disse: – alô, residência dos Von Zurtiz, com quem deseja falar – indagou a moça.

Uma voz masculina, com rouquidão e um tanto abafada respondeu: – é com você mesma que quero falar Kathrina – respondeu o interlocutor prosseguindo – tenho pistas do paradeiro de seu tio e tenho certeza que irá se interessar pelo que tenho a lhe informar, ligarei de novo para lhe passar instruções para nos encontrar – e desligou o telefone.

Kathrina ficou pasma e sem palavras, e começou a se perguntar de quem era a voz misteriosa e que pistas teria que poderiam lhe ser úteis, por que tanto mistério, será que finalmente começaria a obter respostas concretas. Tantas perguntas e duvidas estavam a deixando meia tonta.

Os dias passavam como flechas, rápidos e frustrantemente sem respostas ou pistas que a levassem a algo concreto, sabia pouca coisa sobre Igor; era um influente homem de negócios e possuía um império a seu dispor, não tinha filhos e seu parente mais próximo, seu pai que não via a muitos anos desde a briga no escritório.

– Klaus seu insolente, amarre direito estas cordas, senão a carga cairá no caminho – bradou o homenzarrão de barba cerrada e meia idade.

– Claro Fritz, seu velho gordo – disse sorrindo o jovem – Vou terminar de amarrar as cordas e levar esta carga antes que comece a chover.

Klaus era um jovem de uns 24 anos, esbanja uma alegria contagiante a todos que o cercam, um rapaz alto de uns quase dois metros; pele clara e